Índice

Agradecimentos ***5***

Resumo ***7***

Abstract ***11***

Lista de Abreviaturas ***15***

Preâmbulo ***17***

0. Plano da Obra ***19***

1. Objectivos ***25***

1.1. Objectivos concretizados – Uma pequena síntese **28**

2. Localização do Crasto de Palheiros ***31***

2.1. Breve caracterização geográfica e geomorfológica da área circundante ao Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. **31**

3. Metodologia ***33***

3.1. Metodologia usada na escavação e no registo estratigráfico. **33**
3.1.0 Introdução 33
3.1.1. Escavação e registo nas campanhas de 1995 a 1999 34
3.1.2. Escavação e registo nas campanhas de 2000, 2002−2004 35
3.1.3. Registo das materialidades (cultura material) 36

4. Questões teórico-metodológicas relacionadas com o estudo dos materiais arqueológicos ***39***

4.0. Reflexões *"O material resiste às minhas interpretações"* **39**

4.1. Opções na apresentação das unidades estratigráficas e do seu espólio **39**
4.1.0. Introdução 39
4.1.1. Conceito de fase, camada, estrato, complexo, associação e contexto 40
4.1.2. Visualização da estratigrafia – cortes, plantas e matrizes estratigráficas 46
4.1.2.1. Matrizes estratigráficas do Crasto de Palheiros 47
4.1.2.2. Cortes e plantas do Crasto de Palheiros 56
4.1.2.2.1. Descrição 56
4.1.2.2.2. O registo sistemático de plantas – sua potencialidade 57
4.1.2.2.3. Estudo de densidade de estratos arqueológicos 58
4.1.2.2.3.1. Objectivos do estudo de densidade 58
4.1.2.2.3.2. Metodologia 59
4.1.2.2.3.3. Conclusões 60

4.2. Numeração sequencial dos fragmentos – suas consequências e potencialidades **62**
4.2.0. Reflexões *"A sequência dos dias na sequência dos fragmentos"* 62
4.2.1. Descrição do método 63
4.2.2. Consequências e potencialidades 64

4.3. Criação de uma tipologia de pastas cerâmicas – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos **66**
4.3.0. Reflexões *"As pastas cerâmicas"* 66
4.3.1. Potencialidade de uma tipologia de pastas cerâmicas. 67

4.3.2. Limitações e consequências da utilização de uma tipologia de pastas cerâmicas. 68

4.4. Explicação da metodologia usada no estudo dos materiais cerâmicos – suas potencialidades, limitações e consequências na descrição dos materiais cerâmicos. 72
4.4.0. Reflexões *"Métodos"* 72
4.4.1. Introdução 73
4.4.2. Visualização dos materiais arqueológicos – Desenhos, tabelas e gráficos 74
4.4.3. Os parâmetros de análise dos fragmentos cerâmicos aplicados às tabelas e gráficos 77
4.4.4. Potencialidades, limitações e consequências da metodologia aplicada. 83

4.5. A logística inerente ao estudo do conjunto cerâmico 85
4.5.0. Reflexões "*O vento do planalto enche a minha alma de sentidos*" 85
4.5.1. Descrição 86
4.5.2. Limitações e consequências do método aplicado 88

5. Faseamento do Crasto de Palheiros 91

5.1. Introdução geral ao quadro cronológico – Faseamento do povoamento na ocupação do espaço e suas estruturas arquitectónicas 91

5.2. Descrição pormenorizada das estruturas arquitectónicas, complexos e suas relações 97
5.2.1. Fase I – Calcolítico 97
5.2.1.0. Introdução 97
5.2.1.1. Talude Exterior Norte 97
5.2.2. Fase II – Idade do Bronze 99
5.2.2.0. Introdução 99
5.2.2.1. Plataforma Inferior Leste 100
5.2.2.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 101
5.2.3. Fase III – Idade do Ferro 103
5.2.3.0. Introdução 103
5.2.3.1. Fase III−1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC 104
5.2.3.1.1. Plataforma Inferior Leste 104
5.2.3.1.2. Talude Exterior Leste 107
5.2.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte (PIN 2 e 2.1) 108
5.2.4.Fase III−2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC 110
5.2.4.2. Plataforma Inferior Leste 111
5.2.4.3. Talude Exterior Leste 119
5.2.4.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 121
5.2.5. Fase III−3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente 128
5.2.5.1. Plataforma Inferior Leste 128
5.2.5.2. Talude Exterior Leste 129
5.2.5.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte 130
5.2.5.4. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras 133

6. A estratigrafia explicada através do conjunto cerâmico 135

6.0. Reflexões 135

6.1. Introdução 136

6.2. Alguns contextos da Fase I 137

6.3. Fase II – Idade do Bronze 149
6.3.1. Plataforma Inferior Leste 149

6.3.2. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 156

6.4. Fase III – Idade do Ferro 165
6.4.1. Fase III−1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC 165
6.4.1.1. Plataforma Inferior Leste 165
6.4.1.2. Talude Exterior Leste 168
6.4.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 175
6.4.2. Fase III−2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC 184
6.4.2.1. Plataforma Superior 184
6.4.2.2. Plataforma Inferior Leste 185
6.4.2.3. Talude Exterior Leste 195
6.4.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 206
6.4.3. Fase III-3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente 220
6.4.3.1. Plataforma Inferior Leste 220
6.4.3.2. Talude Exterior Leste 227
6.4.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 240

6.5. Contextos correspondentes ao solo humoso ou a revolvimento de terras 251

6.6. Conclusões desta longa mas necessária exposição 261
6.6.1. Conclusões gerais sobre a metodologia utilizada / Validação das hipóteses interpretativas apontadas 261
6.6.1.1. Definição do estado de conservação de um estrato 261
6.6.1.2. Tendência geral do estado de conservação do estrato 262
6.6.1.3. Estado de conservação de uma fase de ocupação 263
6.6.1.4. O tempo como factor de degradação – Breve explicação 263
6.6.1.5. Critica aos parâmetros utilizados na percepção da degradação / conservação dos contextos 265
6.6.1.5.1. Grau de mistura 265
6.6.1.5.2. Estado de conservação das arestas 266
6.6.1.5.3. Variabilidade nas conjugações de cor (“Outros”) 266
6.6.1.5.4. Preservação da cor 267
6.6.1.5.5. Tamanho dos fragmentos 268
6.6.1.6. Quantidade de contextos por fase analisada / Quantidade de fragmentos por contexto analisado 269
6.6.1.7. As hierarquias como ferramenta de análise 270
6.6.2. Conclusões gerais sobre o estado de conservação dos diversos contextos 272
6.6.2.0. Introdução 272
6.6.2.1. Plataforma Inferior Leste 272
6.6.2.2. Talude Exterior Leste 278
6.6.2.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 284

7. Caracterização e enquadramento cultural da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros 291

7.0. Reflexões 291

7.1. Introdução 292

7.2. Fase II – Idade do Bronze 297
7.2.1. Plataforma Inferior Leste 297
7.2.2. Área Norte 311
7.2.3. Conclusões relativas à fase II 323

7.3. Fase III – Idade do Ferro 329
7.3.1. Fase III−1 – Idade do Ferro de 600/500 a 300/200 AC 329
7.3.1.1. Plataforma Inferior Leste 329
7.3.1.2. Talude Exterior Leste 343
7.3.1.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 354
7.3.1.4. Conclusões relativas à fase III-1 368
7.3.2. Fase III−2 – Idade do Ferro de 300/200 AC a 80 DC 375
7.3.2.1. Plataforma Superior Leste 376
7.3.2.2. Plataforma Inferior Leste 379
7.3.2.3. Talude Exterior Leste 390
7.3.2.4. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 402
7.2.3.5. Conclusões gerais da fase III-2 420
7.3.3. Fase III−3 – Idade do Ferro de 80 a 120 DC aproximadamente 431
7.3.3.1. Plataforma Inferior Leste 431
7.3.3.2. Talude Exterior Leste 440
7.3.3.3. Área Norte – Plataforma Inferior Norte e Talude Exterior Norte 451
7.3.3.4. Conclusões gerais da fase III-3 463

8. Perspectivas de síntese – Exploração de ideias 477

8.0. Reflexões *"A história"* 477

8.1. Sobre a "*história*" do Crasto de Palheiros 478

8.2. "Histórias" das ocupações da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros 501
8.2.0. Introdução 501
8.2.1. Percurso temporal e cultural 505
8.2.1.1. A leitura interpretativa da Idade do Bronze 505
8.2.1.2. A leitura interpretativa da Idade do Ferro 512
8.2.1.2.1. A leitura dos contextos da fase III-1 513
8.2.1.2.2. A leitura dos contextos da fase III-2 521
8.2.1.2.3. A leitura dos contextos da fase III-3 526

8.3. Manipulação de recipientes e fragmentos cerâmicos calcolíticos: qual a sua natureza material e intencionalidade social? 529

8.4. As actividades produtivas de tipo artesanal: análise e sentidos interpretativos 540
8.4.1. Tecelagem / Fiação 541
8.4.2. Produção de recipientes cerâmicos 544
8.4.3. Produção metalúrgica 546
8.4.4. Produção cerâmica versus Produção metalúrgica: Algumas reflexões. 550

8.5. As formas cerâmicas e sua integração local e regional – Uma narrativa 555
8.5.1 Introdução 555
8.5.2. Evolução das formas cerâmicas no Crasto de Palheiros – Explanação sobre os recipientes presentes nas tabelas de formas 557
8.5.3. Integração regional das formas cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros 566

9. Considerações Finais 613

9.0. Reflexões *"O tempo"* 613

9.1. O texto 614

10. Bibliografia 621